

# EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p1-4>

Qual o papel da crítica literária? Debate amplo que se ramifica tanto pelas veredas que tornam um escritor e sua obra conhecidos quanto por outras que pensam a existência coletiva de um povo através do desenvolvimento do seu imaginário. Eduardo Lourenço, nas breves palavras que introduzem o seu *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português* (1992, p. 11), faz o seguinte comentário sobre o papel da crítica: “A nossa questão é a da nossa imagem enquanto produto e reflexo da nossa existência e projecto históricos ao longo dos séculos e em particular na época moderna em que essa existência foi submetida a duras e temíveis privações”. Será que pensar sobre imaginários através da literatura é sinônimo de pensar uma imagologia da existência?

A crítica, diante do seu objeto de estudo, exerce o seu papel de múltiplas formas: aproximando ou afastando o seu olhar, atingindo o objeto por dentro ou por fora, inserindo-o numa coletividade ou afastando-o para verificar melhor as suas singularidades, autonomamente ou vinculando-o às questões históricas, sociais, psíquicas, enfim ao universo humano. Esta complexidade de funções orbita em torno de um motivo central que é o papel de revelar o seu objeto para o leitor, daí muitos deles tornaram-se seus leitores obsessivos ao ponto abandonarem qualquer outro gênero literário. Mas a crítica é experiência comunitária? Pode ter autonomia ou será sempre dependente do objeto tratado? Ela revela a ideologia daquele que escreve? Qual a sua relação com a sociedade? A *Revista Desassossego* convidou pesquisadores e pesquisadoras da literatura para escrever sobre críticos portugueses e suas obras, ou ainda sobre a crítica da literatura portuguesa produzida mundialmente.

A tal chamado, ocorreu primeiramente o professor, pesquisador e poeta Horácio Costa, que parte de um olhar histórico da literatura portuguesa sob a óptica da expressão homoerótica ou da diversidade sexual. Sua mirada panorâmica inicialmente suscita remissões ao gênero enciclopédico, mais que ensaístico. Contudo, o autor pincela seu olhar

crítico sobre o olhar da crítica de forma audaz, de modo a repensar (e a propor que se repense) toda a complexa História da Literatura Portuguesa por vieses novos.

Na sequência do dossiê, dois artigos analisam uma posição limítrofe em seus objetos de pesquisa: Manuel de Freitas, como crítico de Al Berto, e Fernando Pessoa, como pensador de si mesmo, são lidos respectivamente por Rodolpho Pereira do Amaral e pela dupla Dênis Augusto Sousa e Silva e Marcus Alexandre Motta enquanto ensaístas em dois diferentes artigos ora publicados. Trata-se de obras dialogais entre os gêneros e entre as designações de “autor” ou “ensaísta/crítico”.

No artigo que fecha este dossiê, o jovem pesquisador Felipe Marcondes da Costa apresenta um texto metalinguístico que comporta o exercício da crítica, homenageando, desta forma, o autor discutido – Gonçalo M. Tavares – e seus modos de produção literária, também eles metalinguísticos, também eles híbridos.

A seção “Vária” é aberta com o artigo de Dreykon Fernandes Nascimento e Leni Ribeiro Leite, que vai tratar, como vem sendo praxe nos últimos números da *Desassossego*, da relação da Literatura Portuguesa com a sala de aula, agora abordando o período renascentista da história portuguesa.

Já nos demais artigos dessa seção temos o resgate que Riccardo Cocchi empreende sobre a obra de António Riço e a proposta de Ana Carolina Botelho acerca de uma poética da destruição para a leitura dos textos de Joaquim Manuel Magalhães.

Fechando as contribuições teóricas, há a revisitação empreendida ao movimento futurista por Dionísio Vila Maior. O professor português traça um caminho teórico que inicialmente pode ser considerado inusitado, mas que se mostra primoroso, para a leitura das perspectivas italiana e portuguesa do movimento literário vanguardista.

Para completar nossa *tour de force* para finalização deste número, na seção “Outros desassossegos”, temos belos textos em prosa e verso, não menos impactantes para a equipe como o foram, neste número, os textos teóricos.

Abrindo a série de textos, há os poemas de Valéria Vicente Gerônimo, que tematiza criticamente a banalidade rotineira, e Juliana Maffei, cuja composição em dicção contemporânea que apresenta a questão da poesia de autoria feminina de maneira inteligente, afirmativa.

Em seguida, há a composição complexa e de fôlego de Henrique Grimaldi Figueiredo e o conjunto poético de Marcelo Calderari Miguel, composto aos moldes contemporâneos (informalidade, fragmentação), que versa sobre assuntos oportunos.

Na sequência, há a composição em prova entrecortada, cheia de formulações inusitadas proposta por Paulo Ferreira e o texto de Roberto Xavier de Oliveira, que só pode ser classificado como uma fenomenologia do suicídio do ponto de vista da testemunha afetiva.

Para fechar não apenas este número, mas também esse ano de publicações da *Revista Desassossego*, há o belo texto de Dora Nunes Gago, cuja tessitura une poesia e prosa, resgata a temática da doença do número precedente e converte em seu próprio, o que antes foi de Pessanha e Sontag.

Boa leitura!


## REFERÊNCIAS

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Carlos Gontijo Rosa

Pós-doutorando em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professor colaborador externo do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.


Contato: [carlosgontijo@gmail.com](mailto:carlosgontijo@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-6648-902X>

Rosely de Fátima Silva

Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Mestrado, Graduação e Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Graduação em Letras (Português/Grego) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.

Contato: [roselydefatimasilva@gmail.com](mailto:roselydefatimasilva@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0728-2808>

Paola Poma

Professora de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Fez graduação e doutorado-direto na mesma universidade sobre a obra do poeta modernista Fernando Pessoa. Pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, em 2012. Pesquisa a poesia do século XX e XXI, dando destaque aos seguintes poetas: Fernando Pessoa, Mário de Sá -Carneiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, Herberto Helder e Adília Lopes. Dentre suas pesquisas destaque-se o diálogo entre a tradição e a contemporaneidade.

Contato: [ppoma@usp.br](mailto:ppoma@usp.br)

📄: <https://orcid.org/0000-0002-2174-3968>

Mônica Muniz de Souza Simas

Professora da Ca' Foscari – Universidade de Veneza e da Universidade de São Paulo. Livre-Docente na Área de Literatura Portuguesa (2013) pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do CNPq. Formada em Letras, Licenciatura (1993), Mestrado (1996) e Doutorado (2001) pela PUC-RJ. Também é formada em Administração de Empresas pela UFRJ (1990) e complementação pedagógica (licenciatura) em Educação Física pela Claretiano (2018).

Contato: [monicasimas@usp.br](mailto:monicasimas@usp.br)

📄: <https://orcid.org/0000-0002-0705-148X>

A **Revista Desassossego** utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.